

sério, pediam-lhes com perfeita seriedade “um ossobuco com risoto”. E eles, com gestos solícitos, assentiam. E isto no pleno gozo das respectivas faculdades mentais. Todos eram levados a sério: e tinham a maior consideração uns pelos outros. Os comensais sentiam-se solidários na eleita situação das tetas, no usucapião de um molejo adequado à importância dos seus traseiros, na dignidade do comando. Cada um deleitava-se com a presença dos outros, desejada platéia. E não passava pela cabeça de ninguém pensar, olhando de relance para o vizinho, “que idiota!” Atrás do Himalaia dos queijos, dos funchos, o encarregado notificava as saídas: “*Para Corrientes y Reconquista! Sale a las diez el rápido de Paraná! Tercero andén!*”

Via de regra, a faca da fruta não cortava. Não conseguiam descascar a maçã. Ou a maçã pulava do prato como pedra de estilingue, a rolar entre sapatos distantes. Então, com voz e dignidade ofendida era quando diziam: “garçom, esta faca não corta!” Entre os cílios, repentina, uma nuvem imperatória. E o garçom acudia ofegante, com mais ossobucos: e exteriorizando toda a sua consternação, a sua total participação, humilhava submissa instância ante a zanga das Suas Senhorais (em tom mais que sedativo) “experimente esta, senhor Comendador!”: e já desaparecera. E “esta” cortava pior ainda que a outra. Oh, raiva! Enquanto todos, ao contrário, continuavam a mastigar, a rosar em cima dos ossos descarnados, a acepipar língua e bigodes. Com um leve sorriso, oh, uma sombra, uma coceira de ironia, o casa! extremo e chiquérrimo, ele, ela, ao longe, pareciam continuar percebendo a maçã, finalmente imóvel no meio da passagem: lustrosa e verde, como que pintada por De Chirico. Na qual, praguejando baixinho, à bolonhesa, topavam cada vez as sucessivas vagas de fraques-ossobucos, com rápidos passes no ataque, e quase devoluções de um para o outro, ao estilo de Meazza, do Boffi. Eram umas pragas sopradas como cuspe de víbora, não tão baixinho, contudo, que não desse para entender o que eram: por trás de pilhas de pratos a caminho, ou de baciazinhas de maionese, ou montões de aspargos que derramavam manteiga

derretida no chão; todos perseguidos, de repente, por inesperadas tempestades de risotos, rumo ao ancoradouro salvador.

Todos, todos: e mais ainda aqueles cavalheiros sentados à mesa. Todos gozavam da maior consideração! E nunca passara na cabeça de ninguém, nunca, a mais leve suspeita de que pudessem ser uns bobocas, digamos, uns meninos de três anos.

Nem eles mesmos, que afinal conheciam profundamente tudo que lhes dizia respeito, suas unhas encravadas, as verrugas, os sinais, os calos, cada um deles, as varizes, os furúnculos, os solitários bigodes: nem eles, não, não teriam de si mesmos uma opinião destas.

Assim era a vida.

Fumavam. Logo depois da maçã. Aprontando-se para descarregar o fascínio que desde há muito, isto é, desde a época do ossobuco, já vinha pouco a pouco acumulando-se na sua pessoa — (como o elétrico nas máquinas de atrito) — assim, assim mesmo, todos tinham certeza de que um inesperado decreto seu teria certamente desfechado a sumamente importante faísca, fulguração e disparo de Autoridade sobre o adequado espinterôgeno ambiental, de garfos em transvasamento. Cascata de talheres a tilintar! De colherinhas!

E estavam, justamente, prestes a chegar àquele ato imprevisto, e contudo extremamente curioso, que era tão iminentemente evocado pela tensão das circunstâncias.

Tiravam do bolso, com distraída displicência, a cigareira de prata; aí, da cigareira, um cigarro, bastante recheado e maciço, com piteira de papel dourado; entrementes, golpeavam-no de leve na cigareira fechada com a outra mão, com um tatraque; levavam-no aos lábios; e então, como que enfatiados, enquanto uma sutil ruga horizontal delineava-se em sua testa, obnubilada por elevadíssimos afazeres, guardavam a cigareira sem importância. Passando para a cerimônia dos fósforos, conseguiam finalmente encontrar, após procurarem em dois ou três bolsos, uma caixinha de palitos destacáveis: mas abrindo-a constatava-se terem sido todos usados, razão pela qual, com desprezo, a caixinha era incontinenti expulsa das fronteiras do Eu. E, desprezada, ei-la no prato, com cas-

cas. Outra, afinal, acudia desentocada ultimamente do 123º bolso. Cortavam a estampilha-selo, onipresente imagem do Fisco Uno e Trino, até desnudar naquele pequeno pente miraculoso a Urmatter de todos os duendezinhos com cabeça. Destacavam uma unidade, esfregavam, acendiam; aplainando para nova serenidade, a fronte, já tão sobrecarregada de pensamento: (mas pensamento mui débil, a respeito, em geral, de artigos de bijuteria de celulóide). Guardavam a já desnecessária caixinha num outro bolso qualquer: qual? oh! esqueciam no próprio ato; a fim de terem motivo para renovar (na ocasião de um contíguo cigarro) a importantíssima e rendosa busca.

Depois disto, objeto de espantada admiração por parte das "outras mesas", aspiravam a primeira tragada daquele fumo de exceção, de Xântia, ou de Turmac; numa voluptuosidade de sibarita tamanho dois por três, que teria dado pena a um turco estíptico. (paravento)

E demoravam-se assim: o cotovelo apoiado na mesa, o cigarro entre o médio e o indicador, emanando voluptuosas garatujas; misturadas de miasmas, isto é claro, dos brônquios e dos pulmões felizes, enquanto que o estômago ficava um xarope só, e corria como um desesperado amebóide para amassar e peptonizar o ossobuco. A peristalse prosseguia triunfalmente, como canto e triunfo, e longínquo presságio de tambor, a marcha triunfal da Aída ou o toureiro da Carmen.

Assim ficavam. Olhando. Quem? O quê? As mulheres? Nem isto. Talvez contemplando a si mesmos no espelho das pupilas alheias. Na plena avaliação dos seus punhos, de suas abotoaduras. E dos seus rostos de bonecos ossobuquívoros.

Muitos anúncios de fumos, ou de licores, os mais untuosos e amarelo-esverdeados possível tinham sido inspirados, na América do Sul toda, pela elegância dos punhos das suas camisas. Na contracapa do *Fray Mocho*, por exemplo, via-se freqüentemente a fumaça de um cigarro exalando da boca de um sujeito para o teto, isto é, para o limite físico da página; em voltas tênues, muito elegantes: e o cotovelo estava na mesa, e o calicezinho untuoso. E o punho, os dedos "aristocráticos" e o cigarro ficavam à mostra e invejáveis diante do viril aspecto de digestão (do buraco e do osso), de bigodes, mesmo

numa mesa de carimbado
do bolso do peito
comete um
peptonizar
do ossobuco
estômago

scarnificati, a intingolarsi la lingua, i baffi. Con un sorriso appena, oh, un'ombra, una prurigine d'ironia, la coppia estrema ed elegantissima, lui, lei, lontan lontano, avevan l'aria di seguitar a percepire quella mela, finalmente immobile nel mezzo la corsía: lustra, e verde, come l'avesse pitturata il De Chirico. Nella quale, bestemmiando sottovoce, alla bolognese, ci intoppavano ogni volta le successive ondate dei fracs-ossibuchi, per altro con lesti calci in discesa, e quasi in rimando, l'uno all'altro: alla Meazza, alla Boffi. Erano degli strameledísa buccinati via come sputi di vipera, non tanto sottovoce però da non arrivare a capir cosa fossero: da dietro pile di piatti in tragitto, o di bacinelle di maionese, o cataste d'asparagi di cui sbrodolava giú burro sciolto sul lucido; perseguiti poi tutti, tutt'a un tratto, da improvvisе trombe marine di risotti, verso la proda salvatrice.

Tutti, tutti: e piú che mai quei signori attavolati. Tutti erano consideratissimi! A nessuno, mai, era mai venuto in mente di sospettare che potessero anche essere dei bischeri, putacaso, dei bambini di tre anni.

Nemmeno essi stessi, che pure conoscevano a fondo tutto quanto li riguardava, le proprie unghie incarnite, e le verruche, i nèi, i calli, un per uno, le varici, i foruncoli, i baffi solitari: neppure essi, no, no, avrebbero fatto di se medesimi un simile giudizio.

E quella era la vita.

→ Fumavano. Subito dopo la mela. Apprestandosi a scaricare il fascino che da lunga pezza oramai, cioè fin dall'epoca dell'ossobuco, si era andato a mano a mano accumulando nella di loro persona – (come l'elettrico nelle macchine a strofinío) – ecco, ecco, tutti eran certi che un loro impreveduto decreto avrebbe lasciato scoccare sicuramente la importantissima scintilla, folgore e sparo di Signoria su ade-

guato spinterògeno ambientale, di forchette in travaso. Cascade di posate tintinnanti! Di cucchiaini!

Ed erano appunto in procinto di addivenire a quell'atto imprevisto, e però curiosissimo, ch'era così istantemente evocato dalla tensione delle circostanze.

Estraevano, con distratta noncuranza, di tasca, il portasi-
garette d'argento: poi, dal portasi-
garette, una sigaretta, piuttosto piena e massiccia, col bocchino di carta d'oro; quella te la picchiavano leggermente sul portasi-
garette, richiuso nel frattempo dall'altra mano, con un tatràc; la mettevano ai labbri; e allora, come infastiditi, mentre che una sottil ruga orizzontale si delineava sulla lor fronte, onnubilata di cure altissime, riponevano il trascurabile portasi-
garette. Passati alla cerimonia dei fiammiferi, ne rinvenivano finalmente, dopo aver cercato in due o tre tasche, una bustina a matrice: ma, apertala, si constatava che n'erano già stati tutti spiccati, per il che, con dispetto, la bustina veniva immantinenti estromessa dai confini dell'Io. E derelitta, ecco, giaceva nel piatto, con bucce. Altra, infine, soccorreva, stanata ultimamente dal 123° taschino. Dissigillavano il francobollo-sigillo, ubiqua immagine del Fisco Uno e Trino, fino a denudare in quella pettinetta miracolosa la Urmutter di tutti gli spiritelli con capocchia. Ne spiccavano una unità, strofinavano, accendevano; spianando a serenità nuova la fronte, già così sopraccaricata di pensiero: (ma pensiero fessissimo, riguardante, per lo più, articoli di bigiutteria in celluloidi). Riponevano la non più necessaria cartina in una qualche altra tasca: quale? oh! se ne scordano all'atto stesso; per aver motivo di rinnovare (in occasione d'una contigua sigaretta) la importantissima e fruttuosa ricerca.

Dopo di che, oggetto di stupefatta ammirazione da parte degli « altri tavoli », aspiravano la prima boccata di quel

fumo d'eccezione, di Xanthia, o di Turmac; in una voluttà da sibariti in trentaduesimo, che avrebbe fatto pena a un tutco stitico.

E così rimanevano: il gomito appoggiato sul tavolino, la sigaretta fra medio e indice, emanando voluttuosi ghirigori; mescolati di miasmi, questo si sa, dei bronchi e dei polmoni felici, mentre che lo stomaco era tutto messo in giulebbe, e andava dietro come un disperato ameboide a mantrugiare e a peptonizzare l'ossobuco. La peristalsi veniva via con un andazzo trionfale, da parer canto e trionfo, e presagio lontano di tamburo, la marcia trionfale dell'Aida o il toreador della Carmen.

Così rimanevano. A guardare. Chi? Che cosa? Le donne? Ma neanche. Forse a rimirare se stessi nello specchio delle pupille altrui. In piena valorizzazione dei loro polsini, e dei loro gemelli da polso. E della loro faccia di manichini ossibuchivori.

Molte réclames di tabacchi, o di liquori, dei più oleosi e giallo-verdi, erano state ispirate, in tutto il Sud-America, dalla eleganza dei polsi delle loro camicie. Sulla retrocoperta del *Fray Mocho*, ad esempio, si vedeva di frequente il fumo d'una sigaretta a esalare dalla bocca d'un tale verso il soffitto, cioè verso il limite fisico della pagina: in tenui volute, elegantissime: e il gomito era sulla tavola, e il bicchierino oleoso. E il polsino, e le dita « aristocratiche », e la sigaretta, erano alti e invidiabili davanti la virile cera di digestione (del buco e osso), con baffi, per quanto opportunamente cimati. Anime ardenti, sognanti, di giovani, per lo più fattorini di studio delle classi giovani e lavoranti-patruccieri, fantasticavano di poter arrivare a tanto: un giorno! Dagli Appennini alle Ande. Con quella sigaretta tra medio e indice, quel bicchierino giallo sulla tavola, quel polsino, quei gemelli da polso. Oh! sí, sí! Quello, veramen-

sono del
della olio

La madre originale